

• Walter • Benjamin

Estética • Política • Literatura • Psicanálise

Ricardo Timm de Souza Bruna de Oliveira Bortolini
Manuela Sampaio de Mattos Oneide Perius
Helano Ribeiro Francisco Fianco
Tiago dos Santos Rodrigues Janniny Gautério Kierniew
Evandro Pontel Gabriela Nascimento Souza
(Orgs.)



Walter Benjamin

Estética, Política, Literatura, Psicanálise

Atas do I Congresso Internacional
Walter Benjamin: barbárie e memória ética

Organização:

Ricardo Timm de Souza
Manuela Sampaio de Mattos
Helano Ribeiro
Tiago dos Santos Rodrigues
Evandro Pontel
Bruna de Oliveira Bortolini
Oneide Perius
Francisco Fianco
Janniny Gautério Kierniew
Gabriela Nascimento Souza



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Filosofia e Interdisciplinaridade — 104

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SOUZA, Ricardo Timm de; et al (Orgs.)

Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise [recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

649 p.

ISBN - 978-85-5696-564-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Walter Benjamin; 3. Estética; 4. Literatura; 5. Psicanálise; I. Título II. Série

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Ideologias muradas: polarização discursiva e empobrecimento político

*Karina Sassi*¹

*Rose Gurski*²

“Ah”, disse o rato, “o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra, que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.” – “Você só precisa mudar de direção”, disse o gato e devorou-o.

*Uma pequena fábula, Franz Kafka*³

Percebem esse instante anterior à tentativa de atribuição de sentido à fábula de Kafka⁴ que acabam de ler? Não, não esse em que vocês já organizaram, mesmo que de forma capenga, um encadeamento linear de palavras, uma tentativa rústica de interpretação do que está escrito. Nem aquele no qual vocês enquadraram as imagens aos significados, ou relacionaram uma coisa a outra, que resultou naquela outra e que agora parece dar conta de se inscrever no inteligível. Não. Refiro-me àquele tempo antes, o instante aparentemente imóvel; aquele momento por vir, a

¹ Mestranda no PPG de Psicanálise: clínica e cultura da UFRGS. E-mail: sassiskarina@gmail.com.

² Professora e orientadora de mestrado no PPG de Psicanálise: clínica e cultura da UFRGS. E-mail: rosegurski@ufrgs.br.

³ KAFKA, F. Uma pequena fábula. In: KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 171.

⁴ KAFKA, F. Uma pequena fábula. In: KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. pp. 167-172.

pausa, os lábios cerrados antes de emitir algum som. Instante estendido, esse momento de tempo suspenso, tempo suficiente para reparar as inúmeras possibilidades de sentido. Não seria justamente, para este tempo, que Walter Benjamin, em vários momentos, ao longo de sua obra, de diferentes formas, com diferentes nomenclaturas, nos convocou o olhar?

De modo geral, podemos dizer que algumas das principais concepções Benjaminianas nos chamam a atenção para essa dimensão temporal que muitas vezes se perde ou se achata, manifestando-se das mais variadas formas, de acordo com a época e com o contexto no qual falamos. Fala e tempo são elementos que se entrelaçam no percurso benjaminiano, e nos parecem ser a espinha dorsal de um pensamento ousado, provocativo, fragmentário e desviante; por vezes, desestabilizador. A fábula de Kafka, nesse sentido, resgata essa potência desestabilizadora, que não navega no contrafluxo do linear, mas que exige um antifluxo, uma pausa, uma parada, o tempo suspenso. Além disso, a montagem imagética que se cria à medida que a lemos faz uma demonstração radical do que é polissemia. Não há na fábula uma finalidade em si, ela se aproxima muito mais de um fragmento que é capaz de albergar infinitas possibilidades, seguidas dos mais variados significados, interrogações e quebras de sentidos lógicos.

Como coloca Benjamin no livro *Passagens*, “ao pensamento pertencem tanto o movimento quanto a imobilização”⁵. E é onde o pensamento se imobiliza, “numa constelação saturada de tensões, que aparece a imagem dialética”⁶, surgindo como um lampejo, uma cesura no movimento do pensar. Ela aparece lá “onde a tensão entre os opostos dialéticos é a maior possível.”⁷

⁵ BENJAMIN, W. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 518.

⁶ BENJAMIN, W. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 518.

⁷ BENJAMIN, W. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 518.

Juca Varella / Agência Brasil⁸

Brasil, agosto de 2016. Votação do processo de impeachment no Congresso Nacional. Construídos com quatrocentas e oitenta chapas metálicas de dois metros e vinte cinco de altura e um quilômetro de extensão: dois muros. A intenção era a de separar os favoráveis e contrários ao governo de Dilma Rousseff. Na época, ouvíamos com frequência reduzirem os sujeitos a suas posições ocupadas na fotografia: os coxinhas e os petralhas.

O registro deste estranho acontecimento de nossa história recente, condensado na fotografia, não cessa de nos interrogar. O caráter intermitente dessa imagem, ora convocando uma função descritiva – o dia da votação do processo de *impeachment* – ora interrogando no ponto do impensado, nos faz retornar à reflexão iniciada anteriormente. Somos, então, convocados a experimentar aquele instante posterior à leitura da fábula de Kafka: suspender as sínteses e as certezas para abrir espaço ao que *ainda não* se encontra fixado em palavras.

⁸ Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/politica/polarizacao-politica-reflexo-de-uma-sociedade-murada>

Esse movimento de extensão temporal torna-se bastante pertinente quando o que tem se evidenciado em nosso contexto político atual são as narrativas abreviadas, os discursos enrijecidos e a estereotipia estéril das predicções indiscriminadas. Citando Paul Valéry, no texto *O narrador*, Benjamin coloca: “O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”⁹. Vejam, isso foi escrito por Paul Valéry no início do século XX e nos cabe hoje, em 2018, retomar. Passa a fazer mais sentido a afirmativa de Benjamin neste trecho do livro *Passagens*: “Na imagem dialética, o ocorrido de uma determinada época é sempre, simultaneamente, o ‘ocorrido desde sempre’”¹⁰.

As lógicas binárias, polarizadas, restritas ao bom e mau, ao isso ou aquilo, estão fazendo parte das discussões políticas e estão acontecendo, em grande parte, nas redes sociais. A possibilidade de comentar as notícias publicadas por jornais *online* parece convocar que cada um exponha sua opinião, abrindo espaço ao universo dos monólogos, às respostas “lacre” e à divisão de grupos que parecem se organizar em uma lógica discursiva polarizada. Antonio Engelke¹¹ analisa um significante muito utilizado atualmente no *Facebook*: “lacrou”. Dizer que alguém “lacrou” é admirar uma ação ou fala que é percebida como ponto final, uma sentença¹².

Não é por nada que o termo “tribunal do Facebook” viralizou. Um outro significante que tem aparecido com a mesma intenção é a palavra “respondeu”. Nos convida a pensar que há somente pergunta e resposta, nada além. Quando alguém “lacre” ou “responde”, não parece restar nada mais a ser dito. As *fake*

⁹ Valéry, P. apud BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. (Obras Escolhidas; v. I). São Paulo: Brasiliense, 1987 (?). pp. 197-222.

¹⁰ BENJAMIN, W. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 506.

¹¹ ENGELKE, A. Pureza e poder. Os paradoxos da política identitária. In: *Revista Piauí*, n. 132, pp.40-45, set. 2017.

¹² ENGELKE, A. Pureza e poder. Os paradoxos da política identitária. In: *Revista Piauí*, n. 132, pp.40-45, set. 2017.

news, ou, notícias falsas, também têm tido grande circulação atualmente. Não há necessidade de checar a fonte, nem de estranhar aquilo que, por vezes, beira o absurdo. O que parece importar, ao fim e ao cabo, é o quanto o que está escrito se alinha ao meu desejo e o quanto afirma o meu ponto de vista. O meu, ou o da bolha da qual escolho fazer parte.

Esses discursos econômicos, abreviados, se aproximam da concepção de linguagem-signo em Lacan¹³. Os signos fazem parte do laço social. Através deles, é possível organizar a convivência mútua. Sabemos, ao olhar uma placa de trânsito, por exemplo, quando não podemos avançar. Esse é o conhecimento que o signo oferece, um atalho de pensamento que, por vezes, é útil, mas em relação ao qual precisamos estar atentos: “esse conhecimento trazido pelo signo é, antes de mais nada, pressuposição, algo intuído de acordo com uma determinada lógica, que pode ser dedutiva, indutiva, etc.”¹⁴.

Em *Função e campo da fala e da linguagem*¹⁵, Lacan atribui à ordem do imaginário uma comunicação que fica detida em uma alteridade especular. Usa os termos muro de linguagem e linguagem-signo para fazer referência a esse funcionamento do eixo imaginário, usando expressões da cultura como exemplo. Tanto o muro de linguagem quanto a linguagem-signo se aproximam, na análise de Lacan, da totalização e da perda da dimensão significante. Ele nos chama atenção, novamente, para a possibilidade de um discurso, mesmo que cheio de boas intenções e de potência emancipatória, nos levar pela mão em direção ao abismo das relações de poder. “A ironia das revoluções é que elas geram um poder ainda mais absoluto em seu exercício, não como

¹³ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. pp. 238-324.

¹⁴ IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? In: *Agora*, vol. 6. n. 1. p. 121, 2013.

¹⁵ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. pp. 238-324.

se costuma dizer, por ele ser mais anônimo, mas por ele estar reduzido às palavras que o significam”¹⁶.

Estar reduzido às palavras que o significam. Não podemos deixar de sublinhar esse trecho. Parece-nos justamente esse o núcleo duro daquilo que compõe o mal-estar político atual. Lembremos que Freud iniciou os estudos que conduziram à Psicanálise a partir das afasias, e isso não foi por acaso¹⁷. “Antes mesmo de abordar a palavra fora de lugar, nos lapsos, ou as narrativas desordenadas dos sonhos, foi a falta da palavra e a ausência da narrativa que o interrogou”¹⁸. Questionar o discurso é parte indispensável da operação clínica psicanalítica e requer, com isso, “um trabalho de nossa posição enquanto críticos das cacofonias culturais”¹⁹. Nesse sentido, a Psicanálise se aproxima da potência crítica Benjaminiana em sua relação à cultura, ambas buscam quebrar o aprisionamento do significante na enxurrada dos significados que os encobrem em uma cruzada ideológica.

Temos visto o quanto os próprios grupos que militam pelas causas emancipatórias têm se emaranhado num jogo discursivo semelhante ao do lado a que se opõem, o que tem empobrecido sua potência de luta política, criando brechas para o surgimento de discursos hostis, que geram reações cada vez mais autoritárias e guiadas pela moral. A discussão de Safatle²⁰ no livro *Só mais um esforço* faz uma crítica ao campo das esquerdas justamente sobre essa questão. Outra importante crítica, nesse sentido, é trazida por Alice de Marchi Pereira de Souza²¹ na tese *Modulações militantes por uma vida não fascista*:

¹⁶ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. P. 285.

¹⁷ POLI, M. C. *Leituras da clínica, escritas da cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

¹⁸ POLI, M. C. *Leituras da clínica, escritas da cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 14.

¹⁹ POLI, M. C. *Leituras da clínica, escritas da cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 15.

²⁰ SAFATLE, V.. *Só mais um esforço*. São Paulo: Três estrelas. 2017.

²¹ SOUZA, A. M.P.de. *Modulações militantes por uma vida não fascista*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Tese de Doutorado, 2016.

Numa experiência de militância no campo da “esquerda” e “dos direitos humanos”, algumas posturas e práticas se fazem questão. Cobranças e culpabilizações, o imperativo “de dar conta de tudo”, a exigência de uma suposta “legitimidade” para lutar, discursos de ódio, desqualificação do outro para se auto-afirmar, mínimas ações que insistem em sua negatividade ao denunciarem medo, ressentimento, controle e surpreendentes apaixonamentos pelo poder: por que tão recorrentemente vemo-nos, do lugar de militantes “de esquerda”, reproduzindo aquilo mesmo que queremos combater?²²

Como coloca Engelke: “A paixão que embala a autoimagem de quem se sabe integrante de uma revolução em andamento tem seus encantos e armadilhas”²³. Ao mesmo tempo em que essa paixão é importante fonte de inspiração para ações de mudanças, por outro lado, pode dificultar o reconhecimento das próprias contradições e limites.

Em *Aula*, Roland Barthes²⁴ chega a fazer aproximações entre os campos “direita” e “esquerda” no que se refere às formas de enunciação, trazendo reflexões importantes nesse sentido. *Aula* demonstra uma caça e uma denúncia aos estereótipos e operações de poder que se estabelecem, quase que despercebidos, via linguagem. Ele sustenta, portanto, que as lutas tenham como preocupação primeira a enunciação e a linguagem, evitando, com isso, apoiar-se em uma ideologia para atacar outra. “Nenhuma linguagem, é claro, está isenta de ideologia, e Barthes sempre teve

²² SOUZA, A. M.P.de. *Modulações militantes por uma vida não fascista*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Tese de Doutorado, 2016. p. 8.

²³ ENGELKE, A. Pureza e poder. Os paradoxos da política identitária. In: *Revista Piauí*, n. 132, pp.40-45, set. 2017.

²⁴ BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

a mais aguda consciência desse fato”²⁵. Mas é em busca dessa distensão do tempo das significações que considera “a luta contra o estereótipo e seu reino como a tática mais segura para evitar que o discurso coalhe nas ilusões da naturalidade e nas tentações do autoritarismo”²⁶.

Ele se preocupa o tempo todo em nos mostrar a importância da “desativação dos discursos de arrogância”²⁷. Sua preocupação parece-nos mais libertária do que certos discursos, “autorizados e autoritários, que visam substituir um poder pelo outro, mantendo intactos a noção de hierarquia e os velhos mecanismos de dominação aos quais o discurso pode servir de instrumento”²⁸. Trazemos essas contribuições de Barthes por estarmos falando *em e dentro de* um contexto em que a linguagem estereotipada parece funcionar como as *hashtags*: etiquetas, resumos e categorizações que estabelecem e delimitam lugares. Até então, isso nos parece contribuir como tijolos para a sustentação dos muros. Como coloca Engelke:

Rejeitar a noção de que seja possível falar sobre o mundo a partir de um lugar desinteressado não nos obriga a “escolher um lado” e aderir acriticamente a ele. Essa é uma perspectiva que exige a disposição para ver com bons olhos as contradições e os paradoxos, os hibridismos e os interstícios, tudo o que escapa a qualquer tentativa de ordenação binária da realidade. Tarefa nada fácil, sobretudo em um ambiente de informação que dá

²⁵ PERRONE-MOISÉS, L. Lição de casa. In: BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. pp. 53-107.

²⁶ PERRONE-MOISÉS, L. Lição de casa. In: BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 66.

²⁷ PERRONE-MOISÉS, L. Lição de casa. In: BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 67.

²⁸ PERRONE-MOISÉS, L. Lição de casa. In: BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 69.

ensejo não somente à engenharia do consenso [...], mas à fermentação autorreferida do dissenso – as bolhas homogêneas nas redes sociais, cada vez mais surdas à diferença²⁹.

Propor operar pela desmontagem das engrenagens do consenso, do estabelecido e do “tageado” se aproxima em muito da proposta de Benjamin. Sua proposta fragmentária, desviante, preocupada em nos lembrar da importância das lacunas e da dimensão faltante tanto presente em nós quanto em nossa linguagem, me parece muito pertinente de ser resgatada diante da complexidade que nosso tempo nos coloca. Certa vez, em 1916, Benjamin fora convidado a ser colaborador do jornal *Der Jude*, de Martin Bubber. A proposta do jornal, que já havia publicado alguns artigos, se propunha a uma militância no campo da filosofia da política e da religião judaica. Penso que seja interessante resgatar alguns trechos da resposta de Benjamin a este convite. De forma muito delicada e humilde, ele recusa o convite e diz:

Minha percepção é de que, na realidade, minha atitude diante de toda escrita politicamente engajada se tornou obscurecida. Toda ação que se deriva de uma tendência expansiva de amarrar palavras umas às outras me parece terrível e ainda mais catastrófica quando a completa relação entre a palavra e o ato é, em um nível crescente, ganhar espaço como um mecanismo de realização da verdade absoluta. [...] De todas as muitas formas que a linguagem possa se mostrar eficiente, isso não se dará pela pura transmissão de seu conteúdo, mas sim pela pura revelação de sua dignidade e de sua natureza. [...] eliminação do indizível parece para mim coincidir precisamente com o que é, de fato, a maneira objetiva e desapaixonada de escrever e criar intimidade com o relacionamento entre o conhecimento e a ação precisamente dentro da mágica linguística. Meu conceito de objetivo e, ao mesmo tempo, meu estilo altamente político e minha escrita é este: gerar interesse no que foi negado para a palavra. Sou tão incapaz de elaborar uma escrita feita para ter

²⁹ ENGELKE, A. “Pureza e poder. Os paradoxos da política identitária.” In: *Revista Piauí*, n. 132, p. 45, set. 2017.

um efeito do que sou de compreendê-la. [...] Eu não acredito que meu modo de pensar a respeito disso, me torne menos judeu³⁰.

Concluimos essa reflexão com as seguintes questões: como fundar uma outra cena onde seja possível resgatar o espaço da dúvida e da reflexão? Como retomar a potência polissêmica da palavra na mediação dos conflitos, sem cair no fosso discursivo que adere à violência como saída? Como sustentar desvios?



Referências

BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BARTELDES, J. As correspondências de Walter Benjamin, 1910-1940 - Carta de Benjamin a Martin Buber. In: *Cadernos Walter Benjamin*. Publicação Periódica, vol.17, n. 17, pp. 185-189, jul./dez. 2016, p. 189.

³⁰ BARTELDES, J. "As correspondências de Walter Benjamin, 1910-1940 - Carta de Benjamin a Martin Buber". In: *Cadernos Walter Benjamin*. Publicação Periódica, vol.17, n. 17, pp. 185-189, jul./dez. 2016, p. 189.

- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. (Obras Escolhidas; v. I). São Paulo: Brasiliense, 1987 (?). pp. 197-222.
- _____. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- ENGELKE, A. Pureza e poder. Os paradoxos da política identitária. In: *Revista Piauí*, n. 132, pp.40-45, set. 2017.
- KAFKA, F. Uma pequena fábula. In: KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. pp. 167-172.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. pp. 238-324.
- IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? In: *Agora*, vol. 6. n. 1. pp. 115-138, 2013.
- MONTT, A. [Sem título]. 2009. 1 cartoon, color. Disponível em: < <http://www.dosisdiarias.com/2009/11/2009-11-30.html> >. Acesso em: 25 jan. 2018.
- PERRONE-MOISÉS, L. Lição de casa. In: BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. pp. 53-107.
- POLI, M. C. *Leituras da clínica, escritas da cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.
- SAFATLE, V.. *Só mais um esforço*. São Paulo: Três estrelas. 2017.
- SOUZA, A. M.P.de. *Modulações militantes por uma vida não fascista*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Tese de Doutorado, 2016.